

JUAN
GÓMEZ-JURADO

RAINHA

VERMELHA

 Planeta

Para a Babs

Índice

Uma interrupção.....	11
Primeira parte – Jon.....	13
Segunda parte – Carla.....	115
Terceira parte – Antonia.....	347
Epílogo.....	449
Nota do autor.....	457
Agradecimentos.....	461

Uma interrupção

Antonia Scott só se permite ter pensamentos sobre o suicídio três minutos por dia.

Para outras pessoas, três minutos podem ser uma quantidade muito pequena de tempo.

Não para Antonia. Digamos que a sua mente tem muitos cavalos debaixo do *capot*, mas a cabeça de Antonia não é como o motor de um carro desportivo. Diríamos que é capaz de muitos ciclos de processamento, mas a mente de Antonia não é como um computador.

A mente de Antonia Scott é mais como uma selva, uma selva cheia de macacos que saltam a toda a velocidade de liana em liana, transportando coisas. Muitos macacos e muitas coisas, cruzando-se no ar e a mostrar os caninos.

Por isso em três minutos – com os olhos fechados, sentada no chão com os pés descalços e as pernas cruzadas – Antonia é capaz de:

- calcular a velocidade do impacte do seu corpo contra o solo se saltasse da janela que tem em frente;
- a quantidade de miligramas de *Propofol* necessária para um sono eterno;
- o tempo e a temperatura a que teria de estar submersa num lago gelado para que a hipotermia impossibilitasse os batimentos do seu coração.

Planeia como conseguir uma substância controlada como é o *Propofol* (subornando um enfermeiro) e saber onde está o lago gelado mais próximo nessa época do ano (Lagoa Negra, em Soria). Em relação a saltar do sótão prefere não pensar, porque a janela é demasiado estreita e suspeita que a comida repugnante que lhe servem na cafetaria do hospital tem ido para as suas ancas.

Os três minutos em que pensa em como se matar são os seus três minutos.

São sagrados.

São o que a mantém sã.

Por isso não lhe agrada nada, mesmo nada, quando uns passos desconhecidos, três andares mais abaixo, lhe interrompem o ritual.

Não é nenhum dos vizinhos, reconhecê-los-ia pela maneira como subiriam as escadas. Também não é um carteiro, é domingo.

Seja quem for, Antonia tem a certeza de que vem buscá-la.

E disso gosta ainda menos.

Primeira parte

Jon

– No meu país – suspirou Alice –,
quando se corre assim tão rápido
como temos estado a fazer
e durante algum tempo,
é costume chegar-se a algum lado...

– Um país bastante lento! –
replicou a Rainha.
– Aqui precisamos de correr
o máximo que possamos
para permanecer no mesmo lugar.
Se se quer chegar a outro lugar
tem de se correr, pelo menos,
duas vezes mais depressa.

LEWIS CARROLL
Alice no País das Maravilhas

Capítulo 1

Uma missão

Jon Gutiérrez não gosta das escadas.

Não é uma questão de estética. São antigas (o edifício é de 1901, reparou à entrada), rangem e estão deformadas no centro depois de cento e dezanove anos de uso, mas são firmes, estão bem cuidadas e envernizadas.

Há pouca luz e as lâmpadas de 30 *watts* penduradas do teto só servem para tornar as sombras mais densas. Por debaixo das portas, à medida que vai subindo, ouvem-se vozes de línguas estrangeiras, cheiros exóticos, músicas estranhas de estranhos instrumentos. A final de contas, estamos em Lavapiés, é domingo à tarde e aproxima-se a hora de jantar.

Nada disto incomoda Jon nas escadas, porque está acostumado a lidar com coisas do século passado (vive com a mãe), com lugares escuros (é *gay*) e com cidadãos estrangeiros com rendimentos duvidosos e em situações duvidosas (é inspetor da polícia).

O que incomoda Jon nas escadas é ter de subi-las.

Malditos edifícios antigos, pensa Jon. *Sem espaço para instalar elevadores. Isto em Bilbao não acontece.*

Não é que Jon esteja gordo. Pelo menos não tão gordo a ponto de o comissário lhe chamar a atenção. O inspetor Gutiérrez tem o torso em forma de barril e os braços a condizer. Por dentro, ainda que não se

note, há músculos de *harrijasotzaille*¹. Levantar 293 quilos é o seu recorde, nada menos, e isso sem treinar muito, por puro passatempo. Para passar a manhã de sábado. Para não ser gozado pelos colegas à conta de ser maricas. Porque Bilbao é Bilbao e os polícias são polícias e muitos têm uma mentalidade mais antiga do que as malditas escadas centenárias que Jon sobe com tanta dificuldade.

Não, Jon não está tão gordo que o seu chefe o possa repreender e, além disso, o comissário tem melhores motivos para o fazer. Para o repreender e para lhe chegar a roupa ao pelo. Na verdade, Jon está suspenso do emprego e sem vencimento, *oficialmente*.

Não está tão gordo assim, mas o barril do seu torso está instalado em cima de duas pernas que, por comparação, parecem palitos para os dentes. Assim, ninguém no seu perfeito juízo dirá que Jon é um tipo ágil.

No terceiro andar, Jon descobre uma maravilha inventada pelos antepassados: um lugar de descanso no patamar. É uma humilde tábua em forma de quarto de círculo pregada numa esquina do patamar. A Jon parece-lhe ser o paraíso e deixa-se cair sobre ela.

Para recuperar o fôlego, para se preparar para uma reunião que não lhe apetecia nada ter e para refletir sobre como diabo a sua vida se transformou numa merda de forma tão rápida.

Estou metido num belo sarilho, pensa.

¹ Palavra com origem nas palavras bascas *harri*, que significa pedra, e *jaso*, que significa levantar, descrevendo assim este desporto tradicional basco em que o objetivo é levantar pedras de diferentes formas, tamanhos e pesos acima do ombro. (*N. do T.*)

Capítulo 2

Um *flashback*

– ... Um raio de um sarilho, inspetor Gutiérrez – conclui o comissário. Tem a cara avermelhada e respira como uma panela de pressão.

Estamos em Bilbao, na Esquadra da Policía Nacional da Calle Gordóniz, um dia antes de Jon enfrentar os seis lanços de escadas no bairro de Lavapiés em Madrid. Por agora, aquilo que está a enfrentar são os delitos de falsificação de documentos, alteração de provas, obstrução à justiça e deslealdade profissional. E uma pena de quatro a seis anos de prisão.

O comissário, dando uma palmada em cima da mesa de metal, diz:

– Se o procurador se irrita, pode ir até dez anos. E o juiz, satisfeito, condena-te. Porque ninguém gosta de polícias corruptos.

Estão na sala de interrogatórios que é um sítio onde ninguém tem vontade de entrar como convidado de honra. O inspetor Gutiérrez está a receber o pacote *premium*: o confortável aquecimento numa temperatura que fica entre o calor asfixiante e a morte sufocante, as luzes fortes, a garrafa de água vazia, mas à vista.

Jon, resistindo à tentação de afrouxar o nó da gravata, diz:

– Não sou corrupto. Nunca meti um cêntimo ao bolso.

– Como se isso fosse importante. Em que raio estavas a pensar?

Jon estava a pensar em Desiree Gómez, mais conhecida como Desi ou a *Brilhante*. Desi mal tinha dezanove anos e já leva três deles na rua. Aos pontapés, a dormir, a meter na veia. Menina do bar com cuecas fio

dental¹. Nada que Jon não tenha visto antes. Mas algumas destas raparigas ficam no coração sem se saber como, e rapidamente tudo se torna uma canção de Joaquín Sabina. Nada sério. Um sorriso, um convite para tomar café às seis, mas nunca da manhã. E fica-se logo preocupado com o facto de o chulo lhe poder apertar o pescoço. E vai-se falar com o chulo para ver se ele para. E o chulo não para, porque lhe faltam tantas peças no cérebro como lhe faltam dentes. E ela chora e tu vais aquecendo. E antes de dares por isso já enfiaste um quarto e meio de heroína dentro do carro. O suficiente para apanhar entre seis e nove anos de prisão. Jon responde:

– Não estava a pensar em nada.

O comissário passa a mão pela cara e esfrega-a como se quisesse apagar a sua expressão de incredulidade. Não resulta e diz:

– Vamos ver, se tu ao menos andasses com ela, Gutiérrez. Mas tu não gostas de mulheres, pois não? Ou agora dás para os dois lados?

Jon abana a cabeça e o comissário ironiza:

– Sim, o plano não era mau. Tirar essa escória da rua era uma boa ideia. Trezentos e setenta e cinco gramas de heroína, com direito a prisão efetiva. Sem atenuantes, nem histórias. Sem chatices processuais.

O plano era ótimo. O problema foi que era tão bom que se lembrou de contá-lo a Desi. Para que soubesse que aquele olho roxo, aquelas nódoas negras e aquela costela partida iriam ser os últimos. E Desi, queimada de heroína, teve pena do seu chulo, coitado. E foi contar-lhe. E o chulo pôs a Desi numa esquina, escondida e a gravar com o telemóvel. E venderam o vídeo para o canal de televisão laSexta por trezentos euros – que ainda mo roubaram das mãos – no dia seguinte à detenção do chulo por narcotráfico. E foi um sarilho em letras garrafais. Escarrapachado nas capas dos jornais e o vídeo divulgado por todos os telejornais.

¹ Tradução para português do verso «Muñequita de salón, tanguita de serpiente» da canção «Tiramisú de Limón», do cantor espanhol Joaquín Sabina. (*N. do T.*)

– Eu não sabia que estavam a gravar, comissário – disse Jon, envergonhado. Passa a mão pelo cabelo, ondulado e a atirar para o ruivo. Acaricia a barba, espessa e a puxar para o grisalho.

E recorda.

Desi tinha as mãos a tremer e fez um mau enquadramento, mas gravou o suficiente. E a sua carinha de boneca ficava muito bem em palco. Fez de forma magistral o papel de namorada de um inocente acusado injustamente pela polícia. Ao chulo não o apanhavam nos programas da tarde nem nas tertúlias dos programas da noite com o seu aspeto atual: *T-shirt* sem mangas, dentes escuros. Não, punham uma fotografia dele de há dez anos, com a primeira comunhão ainda não digerida. Um anjinho desviado, a sociedade é a culpada de todo este filme.

– Deixaste a reputação desta esquadra de rastos, Gutiérrez. É preciso ser imbecil. Imbecil e inocente. É verdade que não te apercebeste do que se estava a passar?

Jon abana outra vez a cabeça.

Só soube porque o vídeo acabou no WhatsApp. Em menos de duas horas tinha-se tornado viral em todo o país. Jon apresentou-se de imediato na esquadra, onde o procurador já estava a pedir aos gritos a sua cabeça com os testículos como guarnição.

– Lamento, comissário.

– E ainda vais lamentar mais.

O comissário levanta-se a bufar e sai da sala impulsionado por uma justa indignação. Como se ele nunca tivesse alterado provas, abusado do Código Penal ou feito uma trifulhice aqui ou ali. Alegadamente. Só que não tinha sido tão idiota para que o apanhassem.

Deixam Jon sozinho com os seus pensamentos. Tiraram-lhe o relógio e o telemóvel, como é da praxe, para que assim perca a noção do tempo. O resto dos objetos pessoais estão num envelope. Sem nada para se entreter, as horas passam muito devagar, deixando-o num vazio para que possa torturar-se pela sua estupidez. Com o julgamento mediático perdido, já só lhe resta perguntar quantos anos terá de perder em Basauri. Um local onde o esperam uns tantos amigos com os punhos fechados e com muita vontade de bater – três contra um – no polícia

que os meteu ali. Ou, quem sabe, talvez o mandem para mais longe, a fim de o proteger, para algum sítio onde a *amatxo*¹ não o possa ir visitar. Nem levar-lhe uma lancheira com as suas famosas caras de bacalhau dos domingos. Nove anos, a cinquenta domingos por ano, são quatrocentos e cinquenta domingos sem caras de bacalhau. Aproximadamente. Parece-lhe ser um grande castigo. E a *amatxo* ainda por cima já é idosa. Teve-o aos vinte e sete anos, quase virgem, como Deus manda. E agora ele tem quarenta e três anos e ela setenta. Quando Jon sair, a *amatxo* já não estará lá para fazer caras de bacalhau. Se a notícia não a matar já com o susto. A linguaruda venenosa do 2.º B já lhe deve ter contado.

Passam cinco horas e a Jon parece-lhe terem passado cinquenta. Nunca foi de ficar muito tempo quieto no mesmo sítio e um futuro atrás das grades afigura-se-lhe impossível. Não pensa em matar-se, porque Jon dá valor à vida acima de tudo e é um otimista incorrigível. Daquelles que Deus se ri com mais vontade quando faz cair sobre eles uma tonelada de pedras. Mas também não encontra maneira de se esgueirar para fora da corda da força que ele mesmo colocou ao pescoço.

Jon está imerso nestes pensamentos sombrios quando a porta se abre. Espera voltar a ver o comissário, mas em vez disso vê um homem alto e magro. Com cerca de quarenta anos, moreno, com entradas pronunciadas, bigode cortado finamente e olhos de boneca, que parecem mais pintados do que reais. O fato está amachucado. Tem uma pasta. Caros.

Sorri. Mau sinal. Jon pergunta, intrigado:

– É você o procurador?

Nunca o tinha visto e sem dúvida que o desconhecido parece sentir-se muito à vontade ali. Afasta uma das cadeiras de metal e, ao fazê-lo, arranca um chiar ao cimento e senta-se do outro lado da mesa, sem deixar de sorrir. Tira uns papéis da pasta e estuda-os como se Jon não estivesse a menos de um metro dele. Jon insiste:

– Perguntei-lhe se você é o procurador.

– Mmmm... Não. Não sou o procurador.

– Então é advogado?

¹ Palavra basca para «mãe». (*N. do T.*)

O homem solta um suspiro que parece estar entre o ofendido e o divertido.

– Advogado... Não, não sou advogado. Pode chamar-me *Mentor*.

– *Mentor*? Isso é nome ou apelido?

O desconhecido continua a olhar para os papéis sem levantar os olhos e diz:

– A sua situação é bastante séria, inspetor Gutiérrez. Para começar, está suspenso e sem vencimento. E tem não sei quantas acusações em cima da mesa. Agora, as boas notícias.

– Você tem uma varinha mágica para as fazer desaparecer?

– Algo desse género. Já anda nisto há mais de vinte anos e fez um bom número de detenções. Algumas queixas por insubordinação. Pouca tolerância à autoridade. Gosta de seguir por atalhos.

– Nem sempre se podem seguir as leis ao pé da letra.

Mentor guarda os papéis na pasta com calma e pergunta:

– Gosta de futebol, inspetor?

Jon encolhe os ombros e responde:

– De vez em quando gosto de ver alguns jogos do Athletic Bilbao. Por hábito. Porque o Athletic é o Athletic.

– Já viu alguma equipa italiana a jogar? Os italianos têm uma máxima: *Nessuno ricorda il secondo*. Para eles não interessa como se ganha, apenas que se ganhe. Simular um penáti não é nenhuma desonra. Dar um pontapé faz parte do jogo. Houve um sábio que chamou a esta filosofia *merdismo*.

– Que sábio?

Desta vez é *Mentor* quem encolhe os ombros e responde:

– Você é um *merdista*, como prova o seu último feito com o porta-bagagens do veículo do proxeneta. É claro que a ideia é a de que o árbitro não veja, inspetor Gutiérrez. E muito menos que a repetição da jogada acabe nas redes sociais com o *hashtag* #DitaduraPolicial.

Jon coloca os seus enormes braços sobre a mesa e diz:

– Oiça, você, *Mentor*, ou lá como se chama. Estou cansado. A minha carreira foi por água abaixo e a minha mãe deve estar louca de preocupação porque não fui a casa jantar e não a pude avisar de que vou

ficar uns bons anos sem a ver. Por isso, vá direto à questão ou vá-se embora daqui para fora.

– Vou propor-lhe um acordo. Você vai fazer uma coisa que eu quero e eu tiro-o deste... como disse o seu chefe? Um raio de um sarilho.

– Vai falar com a Procuradoria? E com a comunicação social? Vá lá, homem, não nasci ontem.

– Compreendo que seja difícil ouvir um desconhecido. Estou certo de que tem alguém melhor a quem possa recorrer.

Jon não tem ninguém melhor a quem recorrer. Nem melhor nem pior. E há cinco horas que anda a aperceber-se disso.

Rende-se.

– O que quer?

– O que eu quero, inspetor Gutiérrez, é apresentá-lo a uma velha amiga. E que a leve a dançar.

Jon solta uma gargalhada sem qualquer vestígio de alegria.

– Ouça, temo que tenha sido mal informado sobre os meus gostos. Não creio que a sua amiga goste de dançar comigo.

Mentor volta a sorrir. Um sorriso de orelha a orelha, ainda mais preocupante do que o primeiro.

– Claro que não, inspetor. Na verdade, conto com isso.